



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA

SARA MARIA KRIESE

**JUVENTUDE E ESVAZIAMENTO RURAL: ESTUDO DE CASO DA
MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN/RS (DÉCADAS DE 1990 A
2010)**

CHAPECÓ

2018

SARA MARIA KRIESE

**JUVENTUDE E ESVAZIAMENTO RURAL: ESTUDO DE CASO DA
MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN/RS (DÉCADAS DE 1990 A
2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Brandt

CHAPECÓ

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kriese, Sara Maria
JUVENTUDE E ESVAZIAMENTO RURAL: ESTUDO DE CASO DA
MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN/RS (DÉCADAS DE 1990
A 2010) / Sara Maria Kriese. -- 2018.
59 f.

Orientador: Doutor Marlon Brandt.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia-Licenciatura, Chapecó, SC , 2018.

1. Esvaziamento Populacional. 2. Migrações. 3. Êxodo
Rural. 4. Juventude Rural. 5. Microrregião Frederico
Westphalen. I. Brandt, Marlon, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

SARA MARIA KRIESE

**JUVENTUDE E ESVAZIAMENTO RURAL: ESTUDO DE CASO DA
MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN/RS (DÉCADAS DE 1990 A
2010)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Geografia da Universidade Federal da Fronteira sul.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Brandt

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 12/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Brandt – UFFS (orientador)

Prof. Dr. Ricardo Alberto Scherma – UFFS

Prof.^a Dr. Samira Peruchi Moretto – UFFS

Aos dois verdadeiros amores da minha vida eu
dedico: Wagner e Celeste.

AGRADECIMENTOS

Durante toda a minha caminhada universitária tive o prazer de conhecer várias pessoas, as quais muitas contribuíram para a minha formação como pessoa e como acadêmica, então, nada mais justo do que agradecer-las aqui em um documento que encerra um ciclo da minha vida.

Primeiramente agradeço a Deus, pela vida, saúde, família e amigos. Agradeço ao meu orientador Dr. Marlon Brandt, pela paciência, dedicação, compreensão e principalmente pelo auxílio e sua doação na construção do meu conhecimento acadêmico. Agradeço também a Prof. Dra. Lídia Lúcia Antongiavanni pelo apoio e atenção. Agradeço aos professores do Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul por todo conhecimento transmitido.

Agradeço aos meus pais Mauro e Celeste por todo apoio recebido, ao meu irmão Rafael até pelas brigas, sei que é a forma de demonstração de afeto e preocupação. Não posso deixar de mencionar a Rafaela, parceira das viagens até a universidade e uma fonte de apoio e incentivo diário.

Por fim, agradeço ao Wagner, meu amor, amore, companheiro de vida e caminhada, por sempre estar comigo, me apoiando, incentivando e acreditando sempre no meu potencial. Meu amore, parceiro de bons e maus momentos, a pessoa que aceitou dividir a vida dele comigo e somar felicidade a minha. A ti nego todo o agradecimento, você foi a parte essencial para a realização dessa etapa da minha vida. Te amo.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo uma análise sobre a juventude e o esvaziamento rural, tendo por estudo de caso a Microrregião de Frederico Westphalen/RS (décadas de 1990 a 2010), buscando expor em qual meio (urbano ou rural) ocorre esse processo de esvaziamento com maior intensidade e descrever quais processos estão ligados ao movimento de esvaziamento populacional da microrregião analisada. Buscamos também analisar o perfil econômico da região pontuando as possíveis fontes geradoras de emprego e a sua capacidade de absorção da mão de obra dos migrantes rurais-urbanos. Verificou-se que a maior perda populacional da microrregião é o meio rural (caracterizando o êxodo rural). Para isso foram realizadas pesquisas dos dados disponíveis e publicados pelos censos do IBGE, site do Sebrae, INEP, além de outros sites oficiais e reportagens realizadas sobre a região.

Palavras-chave: Esvaziamento Populacional. Migrações. Êxodo Rural. Juventude Rural, Microrregião Frederico Westphalen.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa de localização da Microrregião de Frederico Westphalen/RS.....	18
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População residente (pessoas) e situação dos domicílios - Período de 1991 a 2010.....	20
Tabela 02: Classificação porte das empresas por número de funcionários.....	22
Tabela 03 – Separação das empresas da microrregião por porte de acordo com o número de funcionários em 2016.....	22
Tabela 4 – População residente (pessoas) por sexo e situação dos domicílios na Microrregião de Frederico Westphalen - Período de 1991 a 2010.....	30
Tabela 5 – População residente (pessoas) por ano, grupo de idade e situação do domicílio na Microrregião de Frederico Westphalen – Período de 1991 a 2010.....	30
Tabela 6 – População residente (pessoas) por sexo e situação dos domicílios nas Mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense - Período de 1991 a 2010.....	31
Tabela 7 – População residente (pessoas) por ano, grupo de idade e situação do domicílio nas Mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense – Período de 1991 a 2010.....	31
Tabela 08 – Matrículas em Cursos Superiores de Graduação Presenciais, por Organização Acadêmica e Sexo, segundo a Unidade de Federação e Categoria Administrativa das IES (privada e pública: federal, estadual e municipal) no período de 2010 a 2017.....	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População Residente por sexo e idade, Ano 2000, domicílios urbanos na Microrregião de Frederico Westphalen.....	37
Gráfico 2 – População Residente por sexo e idade, Ano 2000, domicílios rurais na Microrregião de Frederico Westphalen.....	37
Gráfico 3 – População Residente por sexo e idade, Ano 2010, domicílios urbanos na Microrregião de Frederico Westphalen.....	38
Gráfico 4 – População Residente por sexo e idade, Ano 2010, domicílios rurais na Microrregião de Frederico Westphalen.....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Densidade demográfica no meio rural (habitantes/km ²) nas microrregiões de Frederico Westphalen para as décadas de 1980 a 2010.....	21
Quadro 2 – Agroindústrias familiares separadas por produtos e cidade.....	24

LISTA DE SIGLAS

ACSURS	Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul
DACA	Departamento de Agricultura Familiar e Agroindústrias
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFFAR	Instituto Federal Farroupilha
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
NPT	Nossa Primeira Terra
PROJOVEN	Programa Unificado de Juventude
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
QEDU	Qualidade da Educação
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SDR	Secretaria do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
URI	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
FW	Frederico Westphalen

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN NO CONTEXTO GERAL DA MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE E NOROESTE RIO- GRANDENSE.....	17
3	MIGRAÇÃO, ÊXODO RURAL E ESVAZIAMENTO POPULACIONAL.....	26
4	JUVENTUDE E ESVAZIAMENTO POPULACIONAL DA AREA RURAL....	35
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERENCIAS.....	45
	ANEXOS – Reportagens.....	50

1 INTRODUÇÃO

A migração e o êxodo rural são fenômenos sociais que vem despertando o interesse de vários pesquisadores, tornando-se o tema de pesquisa nas mais variadas áreas. Estes processos migratórios implicam em grandes impactos sobre o território e sobre uma determinada região, sendo na maioria das vezes uma força determinante para o crescimento ou declínio populacional e/ou financeiro/econômico da região. Alguns autores de áreas diversas como Dorigon e Renk (2014), Hermes (2006), Muniz (2002), Paris (2017), Stropasolas (2014) e Zótiis (2011) abordam esse tema e suas consequências. Na geografia podemos mencionar Milton Santos (2009, 2010) e Damiani (2011) com seus estudos voltados para essa temática.

A microrregião de Frederico Westphalen carece de biografia específica sobre o tema abordado, porém existem estudos de: Conterato, Schneider e Waquil (2007), Arns e Piovezana (2008), Ottonelli, Souza e Marin (2010), Franzon (2014) e Wiechork (2017) que abordam temáticas diversas (pobreza rural, desenvolvimento econômico, desenvolvimento humano e estrutura fundiária, análise produtiva e desenvolvimento rural) sobre a microrregião.

Os espaços rurais brasileiros estão sofrendo com os processos de esvaziamento, este declínio populacional se torna mais evidente quando analisados os dados coletados a partir dos censos demográficos dos anos de 1991, 2000 e 2010 realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Esses movimentos migratórios marcam a história de um país/território com fluxos que podem aumentar ou diminuir a sua população podendo se originar devido aos mais variados fatores, origem econômica, social, cultural, étnica ou religiosa. Para que possamos compreender esse processo de esvaziamento precisamos analisar os possíveis fatores que originam esse processo. De acordo com Muniz (2002, p.1), [...] “o termo migração pode ser entendido como o movimento e a realocação de pessoas de uma região para outra”. Entretanto, mais importante do que compreender o conceito é entender a forma pela qual se dá o processo migratório.

A microrregião de Frederico Westphalen/RS pertence a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense (RS) a qual faz divisa com a Mesorregião Oeste Catarinense (SC), destacamos que ambas mesorregiões possuem uma conexão com um fluxo diário de pessoas que transitam entre elas, além de possuírem uma configuração espacial semelhante caracterizada pelas pequenas propriedades agrícolas familiares, por isso faremos um breve levantamento de dados sobre elas.

A Mesorregião Oeste Catarinense (SC) teve um êxodo rural significativo nas últimas décadas, de acordo com os dados coletados pelo IBGE no censo de 1991 sua população rural equivalia a 49,29% da população total, e, em 2010 a população rural equivalia apenas a 28,33% da população. Outra região afetada foi a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense (RS), onde de acordo com o IBGE censo de 1991 sua população rural equivalia a 44,53% da população total, e, no censo de 2010 a representatividade da população rural equivalia apenas a 28,62% da população da mesorregião.

Como objeto de estudo dessa redução populacional na área rural temos por estudo de caso a microrregião de Frederico Westphalen/RS nas décadas de 1991 a 2010¹, verificando nos meios rurais e urbanos para descobrir onde esse processo de esvaziamento ocorre com maior intensidade (com um foco maior para a juventude) e descrevendo quais processos estão ligados a este movimento de esvaziamento populacional da microrregião.

Abordaremos o perfil econômico da região pontuando as possíveis fontes geradoras de emprego e a sua capacidade de absorção da mão de obra. Para isso, foram empregadas como principais fontes os dados do IBGE, Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Secretaria do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo (SDR), além de reportagens realizadas sobre a região.

Esse processo migratório causa preocupação, entre os gestores municipais, principalmente os dos municípios com menor número populacional. Entre os anos de 1991 e 2010, segundo os dados do IBGE a população total da microrregião estudada (Microrregião de Frederico Westphalen) diminuiu 12,62%.

Para um melhor entendimento deste processo a pesquisa está dividida em 3 (três) capítulos. O primeiro, intitulado “Microrregião de Frederico Westphalen no contexto geral da mesorregião Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense”, localiza a microrregião no estado do Rio Grande do Sul por meio de um mapa além de descrever superficialmente as mesorregiões trabalhadas, pontua as unidades territoriais que compõem a microrregião, analisa a densidade demográfica rural da microrregião, aborda a questão das agroindústrias familiares existentes na microrregião além de realizar um apanhado geral sobre as indústrias destacando por setor as empresas instaladas na região e que são possíveis fontes geradoras de emprego.

¹Décadas selecionadas de acordo com a disponibilidade de dados dos censos do IBGE

O segundo capítulo, “Migração, êxodo rural e esvaziamento populacional” traz uma discussão sobre os assuntos destacados no título do capítulo juntamente com o referencial teórico que reforça a discussão dos temas. O capítulo aborda rapidamente questões sobre a não sucessão familiar e políticas públicas voltadas ao incentivo e permanência dos jovens no campo além de apresentar dados sobre a população das mesorregiões que fazem conexão com a microrregião analisada, e também dados sobre a própria microrregião de Frederico Westphalen dando ênfase a fragmentos de reportagens sobre a região e o esvaziamento populacional e êxodo rural.

O terceiro capítulo, “Juventude Rural e esvaziamento populacional da área rural” enfatiza a vida do jovem rural abordando a questão da sucessão familiar. O capítulo conta com gráficos voltados para a visualização da população jovem rural e urbana da microrregião, podendo assim realizarmos um comparativo da população nos anos destacados pelos gráficos. O capítulo conta também com uma parte dedicada ao êxodo rural feminino destacando os possíveis motivos que levam as mulheres a abandonar o campo.

2 MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN NO CONTEXTO GERAL DA MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE E NOROESTE RIO-GRANDENSE

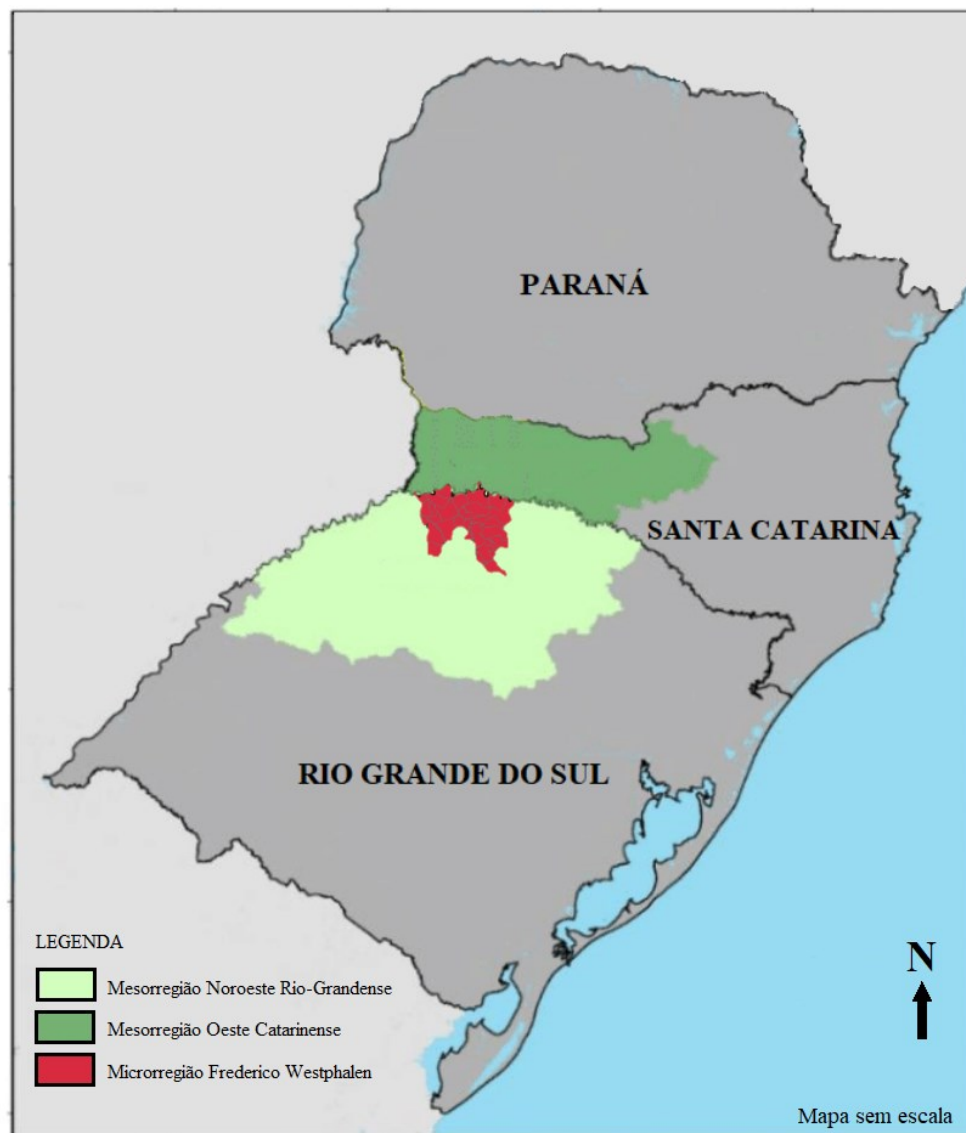
A mesorregião Oeste de Santa Catarina² é composta por 118 municípios sendo eles divididos em 5 microrregiões geográficas, as principais cidades da mesorregião são: Chapecó, Caçador e Concórdia; A mesorregião Noroeste Rio-Grandense³ possui 216 municípios divididos em 13 microrregiões geográficas, as principais cidades são: Passo Fundo, Erechin e Ijuí (IBGE).

Segundo os dados do IBGE (2010) dentre as 13 microrregiões da mesorregião Noroeste Rio-grandense a microrregião de Frederico Westphalen é uma delas possuindo uma área de 5.165km² e é composta por 27 unidades territoriais em nível de município sendo elas: Alpestre, Ametista do Sul, Caiçara, Constantina, Cristal do Sul, Dois Irmãos das Missões, Engenho Velho, Erval Seco, Frederico Westphalen, Gramado dos Loureiros, Iraí, Liberato Salzano, Nonoai, Novo Tiradentes, Novo Xingu, Palmitinho, Pinheirinho do Vale, Planalto, Rio dos Índios, Rodeio Bonito, Rondinha, Seberi, Taquaruçu do Sul, Três Palmeiras, Trindade do Sul, Vicente Dutra e Vista Alegre. Segundo o censo realizado em 2010 pelo IBGE a microrregião possuía 174.605 habitantes. O mapa que consta na figura 01 a seguir mostra a localização da microrregião:

²Quando citada sempre será analisada na sua totalidade.

³Quando citada sempre será analisada na sua totalidade.

Figura 01: Mapa de localização da Microrregião de Frederico Westphalen/RS



Fonte: Google, 2018. Organizado pelo autor.

Das 27 unidades territoriais compreendidas na microrregião, o município de Frederico Westphalen é a mais populosa com 28.843 habitantes, e, a unidade territorial com menor população é Engenho Velho com 1.527 habitantes. Ressaltamos que dos 27 municípios da abrangência da microrregião, 8 possuem população inferior à três mil habitantes (IBGE, 2010).

A partir da Tabela 1 podemos visualizar a população ocupada nas áreas rurais da microrregião que é de 46,56% (81.298 habitantes), isto nos mostra a visível diferença em relação às áreas rurais ocupadas no estado do Rio Grande do Sul que é de 17,51% (1.593.638

habitantes) e em relação ao Brasil onde a população nas áreas rurais é de 15,64%. A população rural total da microrregião no período analisado diminuiu 41% e em contrapartida a população urbana total aumentou 49,81%.

Tabela 1 – População residente (pessoas) e situação dos domicílios - Período de 1991 a 2010

Brasil, Unidade da Federação e Microrregião Geográfica	Ano x Situação do Domicílio								
	1991			2000			2010		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
Brasil	146.825.475	110.990.990	35.834.485	169.799.170	137.953.959	31.845.211	190.755.799	160.925.792	29.830.007
Rio Grande do Sul	9.138.670	6.996.545	2.142.128	10.187.798	8.317.984	1.869.814	10.693.929	9.100.291	1.593.638
Microrregião de F. W.	199.805	62.682	137.123	184.762	83.655	101.107	174.605	93.307	81.298

Fonte: IBGE, Cidades: Censo 1991, 2000 e 2010. Organizado pelo autor.

Com esse movimento migratório (rural-urbano) acontecendo na microrregião, a população rural fica cada vez menor. A tabela a seguir nos mostra a densidade demográfica urbana e rural dos municípios da microrregião.

QUADRO 1 - Densidade demográfica no meio rural (habitantes/km²) na microrregião de Frederico Westphalen para as décadas de 1980 a 2010:

MUNICÍPIO	1980	1991	2000	2010
Alpestre	41,01	34,3	24,7	17,7
Ametista do Sul*	0,0	0,0	44,9	37,4
Caiçara	31,2	26,2	21,6	18,3
Constantina	66,3	49,9	29,0	16,0
Crista do Sul*	0,0	0,0	24,9	19,4
Dois Irmãos das Missões*	0,0	0,0	6,4	4,7
Engenho Velho*	0,0	0,0	22,6	12,9
Erval Seco	33,6	27,0	16,3	12,2
Frederico Westphalen	59,5	38,5	23,9	20,8
Gramado dos Loureiros*	0,0	0,0	16,0	13,2
Iraí	41,4	33,0	20,1	19,9
Liberato Salzano	39,5	29,7	22,3	18,2
Nonoai	48,4	28,3	8,6	6,4
Novo Tiradentes*	0,0	0,0	24,5	21,5
Novo Xingu*	0,0	0,0	0,0	14,9
Palmitinho	87,6	69,5	30,4	24,6
Pinheirinho do Vale*	0,0	0,0	33,4	34,1
Planalto	57,5	53,6	24,0	19,9
Rio dos Índios*	0,0	0,0	17,3	12,1
Rodeio Bonito	137,7	102,4	22,5	18,1
Rondinha	27,3	20,5	16,3	12,7
Seberi	38,2	30,4	19,6	16,5
Taquaruçu do Sul*	0,0	29,4	25,9	23,4
Três Palmeiras*	0,0	22,2	15,3	12,1
Trindade do Sul*	0,0	20,2	14,1	10,8
Vicente Dutra	35,6	24,2	19,7	15,1
Vista Alegre*	0,0	31,3	25,2	21,0
MÉDIA	27,6	24,8	21,1	17,6

Fonte: ROSA, et al.

* Para alguns municípios, apenas os dados das últimas duas décadas estão disponíveis devido a sua criação recente.

Com base no quadro acima, podemos confirmar a perspectiva do êxodo rural dos municípios pertencentes a microrregião de Frederico Westphalen, devido a diminuição da densidade demográfica rural das cidades onde a média caiu de 27,6 hab/km² em 1980 para 17,6 hab/km² em 2010. As cidades que mais perderam população rural nesta faixa analisada de 30 anos: Rodeio Bonito, Palmitinho, Constantina e Frederico Westphalen (ROSA et. al. 2016).

A economia da região é proveniente da agricultura familiar, agroindústrias/abatedouros, agroindústrias familiares de pequeno porte, extração e lapidação de pedras semipreciosas além da presença de várias indústrias metalúrgicas e outros ramos do mesmo setor (ARNS e PIOVEZANA, 2008). Para termos uma melhor visualização do setor econômico da microrregião foi elaborado algumas tabelas nas quais podemos observar a distribuição das empresas entre as cidades da microrregião e o porte das mesmas. Para fins informativos nas tabelas seguintes quando mencionado o porte da empresa (micro, pequena, média e grande) os mesmo se darão em relação ao número de funcionários (conforme descrito na tabela 2) segundo dados colhidos junto ao site do Sebrae/RS.

Tabela 02: Classificação porte das empresas por número de funcionários em 2016:

SETOR	PORTE			
	MICRO	PEQUENA	MÉDIA	GRANDE
INDUSTRIA	até 19	de 20 a 99	de 100 a 499	mais de 499
CONSTRUÇÃO CIVIL	até 19	de 20 a 99	de 100 a 499	mais de 499
COMÉRCIO	até 9	de 10 a 49	de 50 a 99	mais de 99
SERVIÇOS	até 9	de 10 a 49	de 50 a 99	mais de 99

Fonte: Sebrae/RS

A tabela a seguir mostra distribuição das empresas por setor de atividade produtiva e porte na microrregião de Frederico Westphalen no ano de 2016, os dados utilizados são referentes ao perfil econômico das cidades gaúchas divulgados pelo Sebrae/RS.

Tabela 03 – Separação das empresas da microrregião por porte de acordo com o número de funcionários em 2016

SETOR	EMPRESAS		
	MICRO	PEQUENA	MÉDIA/GRANDE
INDUSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	944	32	5
CONSTRUÇÃO CIVIL	661	5	-
COMÉRCIO	3431	145	8
SERVIÇOS	3588	97	33
AGROPECUÁRIA, EXTRAÇÃO VEGETAL, CAÇA, PESCA*		241	
Total:	8.865	279	46

* Para fins de contabilização, o setor agropecuário é somado na categoria "microempresa"

Fonte: Sebrae/RS, 2016. Organizado pelo autor

Com base na tabela 03 os setores com maior número de empresas (em ambos portes) em 2016 na microrregião é o setor de serviços seguido dos setores de comércio e indústria de transformação (para fins de contabilização das empresas, adotamos o mesmo quesito adotado pelo Sebrae/RS e somamos o setor agropecuário na categoria de “microempresa”).

O Sebrae/RS descreve a microrregião como forte produtora agrícola dando ênfase na produção agrícola familiar, as principais culturas produzidas são: soja, milho, trigo, fumo, feijão, aveia, cevada, mandioca, laranja e uva. Podemos destacar também a criação de animais nos seguintes rebanhos: bovino, ovino, galináceo, equino, suíno, bubalino, caprino e codornas.

No ano de 2017 a microrregião foi destaque no abate de suínos, das 27 unidades territoriais da microrregião 23 tiveram criação e entrega de suínos para abate. Segundo dados da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, duas cidades da microrregião lideram o ranking de abate de suínos no estado do Rio Grande do Sul, são elas: Rodeio Bonito e Palmitinho. No estado foram abatidos 8.949.366 suínos (somente suínos criados no RS) em 2017, e, 1.239.772 suínos abatidos (criados e entregues para abate) nas 23 cidades da microrregião, ou seja, os abates da microrregião somam 13,85% do total de abates realizados no RS em 2017.

A região possui vários abatedouros⁴ e frigoríficos⁵ estas empresas acabam sendo uma possibilidade para as pessoas que residem no meio rural e querer uma nova forma de geração de renda com horários de trabalho, remuneração e férias definidos. Muitas pessoas deixam a propriedade na zona rural e partem para a cidade onde residem e buscam emprego no setor de abatedouros/frigoríficos ou nas demais indústrias da região. Devemos ressaltar que além da produção e abate de suínos, os rebanhos de galináceos e bovinos também movimentam a economia da região.

Segundo dados coletados do site do Governo do Estado do Rio Grande do Sul - Secretaria Estadual do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo – SDR - Departamento de Agricultura Familiar e Agroindústria – DACA a microrregião conta com 55 agroindústrias familiares cadastrados junto ao departamento, com produção nas mais variadas áreas. Dos 27 municípios integrantes da microrregião somente 11 municípios não possuem agroindústria familiar registrada junto ao DACA. O quadro 2 a seguir nos mostra as agroindústrias presentes em cada cidade e categoria dos produtos produzidos:

⁴Frangos Piovesan,

⁵Seara/JBS; Adelle Alimentos; Ragale; Agrodanieli

Quadro 2 – Agroindústrias familiares separadas por produtos e cidade em outubro de 2018

CIDADES	AGROINDUSTRIA FAMÍLIAR
Alpestre (RS)	Legumes minimamente processados
Ametista do Sul (RS)	Vinhos e sucos Geleia de morango
Caiçara (RS)	Bebida láctea, queijo, leite pasteurizado
Constantina (RS)	Queijos Embutidos Embutidos Embutidos Leite e derivados Carne de rã congelada Embutidos – salame, salsichão, copa Embutidos – salame, salsichão, copa, torresmo Queijo
Cristal do Sul (RS)	Farinha de milho Mandioca embalada a vácuo
Erval Seco (RS)	Mandioca embalada Mel Melado, açúcar mascavo
Frederico Westphalen (RS)	Frutas cristalizadas Mel Rapaduras, amendoim Sucos e bebidas Panificados Panificados Frango Salame, linguiça Embutidos Massa, bolacha, cuca, pão Cebola, pepino, pêssigo, uva, figo Massas caseiras Laticínios – queijo, ricota, doce de leite, iogurte Mandioca descascada Trufas, geleias, conservas, mandioca descascada
Gramado dos Loureiros (RS)	Queijo, bebida láctea, leite pasteurizado Mel Ovos
Liberato Salzano (RS)	Panificados Embutidos e suínos Leite e derivados
Palmitinho (RS)	Panificados
Pinheirinho do Vale (RS)	Embutidos – salame, linguiça, copa, costela
Rodeio Bonito (RS)	Embutidos Ovos Embutidos Mandioca descascada embalada Panificados – bolachas, cucas e pães
Rondinha (RS)	Sucos de uva Laticínios – queijo colonial e prato
Seberi (RS)	Embutidos Panificados, farinha de trigo Milho Mel, própolis e cera Panificados, bolachas, massas
Taquaruçu do Sul (RS)	Filé de peixe

Três Palmeiras (RS)	Massas, pães e biscoitos
----------------------------	--------------------------

Fonte: Governo do Estado do Rio Grande do Sul Secretaria Estadual do Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo - SDR Departamento de Agricultura Familiar e Agroindústria – DACA. Organizado pelo autor.

O Estado do Rio Grande do Sul possui 1.227 agroindústrias familiares cadastradas junto ao DACA e a microrregião de FW possui cerca de 4,48% das agroindústrias familiares registradas do estado. Desta forma podemos destacar a importância das agroindústrias familiares na geração de renda e emprego para as famílias dessa região que estão buscando outras alternativas para a obtenção de lucro.

Dorigon e Renk (2014) destacam as agroindústrias como estímulo na permanência dos jovens nas propriedades rurais, pois as mesmas representam uma possibilidade de geração de renda uma vez que na sua maioria eles se tornam os responsáveis pela administração, produção ou venda dos produtos produzidos pela agroindústria. Além do estímulo da permanência, muitas agroindústrias acabam se tornando o objetivo de retorno para muitos habitantes que deixaram o meio rural em busca de novas oportunidades.

Em muitos casos o jovem deixa a propriedade dos pais antes mesmo de ter a oportunidade de gerenciar a propriedade/agroindústria em conjunto com seus genitores. Segundo Silvestro e colaboradores (2001 apud DORIGON e RENK, 2014, p. 44):

É do oeste de Santa Catarina que se origina boa parte dos jovens que trabalham nas redes de churrascaria e restaurantes de São Paulo e Rio de Janeiro. Até os anos 2000 existia na região agências especializadas em intermediar a ida de jovens para trabalhar de garçons nestes estabelecimentos comerciais.

Desta forma como descrito acima pelos autores a migração não era um caminho trilhado por poucos jovens partindo de iniciativa própria, mas sim, era papel de agências especializadas que promoviam este tipo de migração deslocando os jovens do oeste de Santa Catarina para a região de São Paulo e Rio de Janeiro.

Diante do que foi exposto neste capítulo podemos concluir que a microrregião não possui empresas que possam absorver a mão de obra existente disponível, desta forma as pessoas optam por migrar para outros locais dentro da microrregião e fora dela, um exemplo que podemos destacar desta migração que extrapola os limites da microrregião e do estado do Rio Grande do Sul são as pessoas que se deslocam para a Mesorregião Oeste Catarinense para trabalhar em indústrias de abate de suínos e aves ou em outros setor empregatícios, além é claro de migrar para estudar e acabam estabelecendo moradia nos municípios da mesorregião.

3 MIGRAÇÃO, ÊXODO RURAL E Esvaziamento populacional

Para Hermes (2006), o êxodo rural é um dos fatores contribuintes a urbanização do Brasil, a falta de incentivos do poder público, a desvalorização do trabalho e a incerteza na obtenção de uma renda fixa são um dos principais motivos que levam ao deslocamento do homem do campo para a cidade com a esperança de uma vida melhor.

A tecnificação e modernização da agricultura acaba por fazer um tipo de “seleção” no meio rural, onde somente o agricultor que possui condições financeiras para a aquisição de equipamentos modernos consegue (ainda que com dificuldades) se manter no meio rural com sua renda apenas na agricultura. Milton Santos (2009, p.11) destaca que:

Ao longo do século, mas, sobretudo, nos períodos mais recentes, o processo brasileiro de urbanização revela uma crescente associação com o da pobreza, cujo *locus* passa a ser, cada vez mais, a cidade, sobretudo a grande cidade. O campo brasileiro moderno repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalizada vivem cada vez mais nos espaços urbanos. A indústria se desenvolve com a criação de pequenos números de empregos, e o terciário associa formas modernas a formas primitivas que remuneram mal e não garantem a ocupação.

A cidade, onde tantas necessidades emergentes não podem ter resposta, está desse modo fadada a ser tanto o teatro de conflitos crescentes como o lugar geográfico e político da possibilidade de soluções.

Com a mecanização da agricultura, a introdução de novas tecnologias (meio técnico-científico-informacional), sementes modificadas, insumos, implementos agrícolas, corretores entre outras coisas, a produção com o auxílio dessas técnicas aumentou significativamente o total produzido. Por exemplo: o total da produção que anteriormente era produzido em 02 hectares de terra hoje, pode ser produzida em meio hectare. Com esse avanço e mecanização o número de empregados (mão de obra) que eram necessários passa a reduzir-se e estas pessoas que não encontram mais oferta de emprego no meio rural precisam buscar novas oportunidades em outros lugares, como destacado por Milton Santos, (2010, p.90):

Nas áreas onde tal fenômeno se verifica, registra-se uma tendência a um duplo desemprego: o dos agricultores e os outros empregados e dos proprietários; por isso, forma-se no mundo rural em processo de modernização uma nova massa de emigrantes, que tanto pode se dirigir às cidades quanto participar de novas frentes pioneiras, dentro do próprio país ou estrangeiro[...]

Esse processo de deslocamento gera um grande impacto nos dois grupos envolvidos, primeiro em quem sai da zona rural (homens e mulheres do campo) pois se deparam com uma nova forma de vida, trabalho e organização social, e, também para quem recebe esses migrantes na zona urbana (cidade) pois eles necessitam demandas de infraestrutura e serviços de saúde, trabalho e lazer, etc. Muitos desses migrantes que venderam suas propriedades no interior e partiram para a cidade em busca de novas oportunidades acabam por não conseguir trabalho e, mesmo assim fixam moradia ali e acabam por se deslocar até a zona rural para trabalhar agora como empregados, Milton Santos (2010) destaca esse movimento e intitula esses trabalhadores como urbano-residentes, ou seja, pessoas que são urbanas e também são agrícolas.

Para Damiani (2011) ao se concretizar o movimento migratório rural-urbano, depois do migrante ter se estabelecido definitivamente com a expectativa criada de que na cidade ele teria um emprego garantido para si e sua família, ele se depara com o excesso de procura de emprego em relação à oferta

Segundo Stropasolas (2014) um dos fatores que podemos citar como mais determinantes para o êxodo rural é a não sucessão familiar. Os jovens perdem o interesse em permanecer nas propriedades rurais devido as dificuldades lá encontradas, os recursos financeiros baixos e as faltas de opção diante do mercado de trabalho levam este jovem partir para a cidade buscando novas formas de renda e uma melhoria de vida. Ainda segundo o autor a sociedade está diante de um cenário de empobrecimento dos grupos sociais rurais, pois a migração dos filhos dos agricultores familiares para a cidade está cada vez maior. Existem políticas públicas de instituições oficiais (ProJovem, PRONAF Jovem, Nossa Primeira Terra (NPT)) que focam em jovens de faixa etária de 18 a 25 anos, buscando e direcionando recursos financeiros para este grupo em específico com o intuito de fazer com que o jovem permaneça no meio rural e de segmento à sucessão da agricultura familiar. Ao mesmo tempo em que existem programas voltados para a juventude rural existe a invisibilidade das crianças e dos adolescentes rurais, a infância rural é tratada de forma insuficiente e precária. Os problemas da juventude rural deveriam ser tratados ainda na infância dessas crianças. Stropasolas (2014, p.141) diz que:

Assim, estamos diante de uma instigante e complexa problemática social: se, por um lado, a juventude passa a ser o público estratégico para o desenvolvimento rural, por outro, diminui drasticamente nas comunidades rurais o número de indivíduos que poderia assumir esse papel, pois ao alcançarem essa faixa etária os jovens, sobretudo

moças, vem recusando assumir a sua condição social no meio rural, migrando para as cidades em busca de profissões alternativas à de agricultor (a).

Ainda falando sobre a não sucessão familiar Stropasolas (2014), destaca os conflitos intergeracionais e de gênero e o modelo de propriedade centralizada no pai como personagem que toma todas as decisões em nome da família. O autor cita problemas de diálogo entre pais e filhos e principalmente a dificuldade e a não aceitação das ideias de modernização propostas pelos filhos. Stropasolas (2014, p.148-149) destaca:

Os agricultores vivem um paradoxo nas suas escolhas, encontrando-se divididos entre o desejo de ver seus filhos(as) colocados na agricultura e no meio rural, seguindo a tradição de seus antepassados, e a necessidade de buscar alternativas melhores na cidade diante da dura realidade da falta de oportunidades e de autonomia financeira verificada na atual geração de jovens nas suas comunidades de origem.

Esse esvaziamento das áreas rurais principalmente por parte dos jovens e neste caso envolvendo as mulheres é o que vem causando a masculinização da população destas áreas. Stropasolas (2014) destaca que a migração nesses casos não é somente o desejo de ir ou ficar, mas sim a melhor possibilidade entre o que lhe é ofertado, “sem perspectivas de permanecer na agricultura como proprietária, a moça vê na cidade a possibilidade de construir-se como profissional e não somente como esposa de agricultor” (STROPASOLAS, 2014, p.151).

A tabela 4 nos mostra que a população total masculina da microrregião de Frederico Westphalen foi maior em relação a população total feminina entre os anos de 1991 e 2000. Segundo dados do IBGE, sendo que a população total feminina se destaca e se torna maior em relação à população total masculina no censo de 2010. Ao analisarmos a tabela podemos perceber que a população feminina urbana foi sempre maior que a população masculina e que ao analisarmos os dados da população rural notamos o contrário, sendo a população masculina maior que a feminina. Segundo a Tabela 4 a microrregião de Frederico Westphalen no período entre 1991 e 2010 conforme dados do IBGE perdeu 55.825 habitantes da zona rural.

Já a tabela 5 nos mostra os grupos de idade por situação do domicílio, e, podemos perceber que dos grupos de idades analisados compreendendo idades de 20 a 24 anos até o grupo de idade de 50 a 54 anos a população tem residência maior nas áreas urbanas da microrregião. Ao analisarmos os grupos de idade de 60 a 64 anos até o grupo de 90 a 94 anos de idade, somente o grupo de 80 a 84 anos de idade é maior na zona urbana, o restante dos

grupos analisados (60-64, 70-74, 90-94) a maior parte da população dos referidos grupos reside na zona rural da microrregião. Fica evidente a partir da análise da tabela o envelhecimento da população das zonas rurais.

Tabela 4 – População residente (pessoas) por sexo e situação dos domicílios na Microrregião de Frederico Westphalen - Período de 1991 a 2010

Microrregião Geográfica	Situação do Domicílio	Ano x Sexo					
		1991		2000		2010	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Frederico Westphalen (RS)	TOTAL	101.433	98.372	92.863	91.899	87.157	87.448
	URBANA	30.312	32.370	40.425	43.230	44.898	48.409
	RURAL	71.121	66.002	52.438	48.669	42.259	39.039

Fonte: IBGE, Cidades: Censo 1991, 2000 e 2010. Organizado pelo autor.

Tabela 5 – População residente (pessoas) por ano, grupo de idade e situação do domicílio na Microrregião de Frederico Westphalen – Período de 1991 a 2010

Microrregião Geográfica	Grupo de Idade	Ano x Situação do Domicílio					
		1991		2000		2010	
		Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Frederico Westphalen (RS)	20 a 24 anos	5.257	11.625	6.672	6.835	7.909	5.377
	30 a 34 anos	5.229	9.698	6.231	6.901	6.584	4.743
	40 a 44 anos	3.778	7.436	6.009	6.900	6.602	5.778
	50 a 54 anos	2.334	5.052	4.012	5.470	5.894	5.778
	60 a 64 anos	1.580	3.767	2.529	3.805	4.203	4.335
	70 a 74 anos	884	1.768	1.872	2.150	2.432	2.458
	80 a 84 anos	684	554	1.128	974
	90 a 94 anos	70	112	167	179

Fonte: IBGE, Cidades: Censo 1991, 2000 e 2010. Organizado pelo autor.

Tabela 6 – População residente (pessoas) por sexo e situação dos domicílios nas Mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense - Período de 1991 a 2010

Mesorregião Geográfica	Situação do Domicílio	IBGE 1991			IBGE 2000			IBGE 2010		
		Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Oeste Catarinense (SC)	Total	1.051.083	531.336	519.747	1.116.766	561.310	555.456	1.200.712	600.166	600.546
	Urbana	532.959	261.257	271.702	702.616	344.930	357.686	860.563	421.684	438.879
	Rural	518.124	270.079	248.045	414.150	216.380	197.770	340.149	178.482	161.667
Noroeste Rio-grandense (RS)	Total	1.943.386	965.854	977.532	1.959.688	968.630	991.058	1.946.510	956.751	989.759
	Urbana	1.078.058	518.181	559.877	1.268.551	611.143	657.408	1.389.451	667.992	721.459
	Rural	865.328	447.673	417.655	691.137	357.487	333.650	557.059	288.759	268.300

Fonte: IBGE, Cidades: Censo 1991, 2000 e 2010. Organizado pelo autor.

Tabela 7 – População residente (pessoas) por ano, grupo de idade e situação do domicílio nas Mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense – Período de 1991 a 2010

Mesorregião Geográfica	Grupo de Idade	Ano x Situação do domicílio					
		1991		2000		2010	
		Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Oeste Catarinense (SC)	20 a 24 anos	52.606	47.953	63.437	29.246	80.871	23.916
	30 a 34 anos	45.363	38.521	60.221	31.169	70.033	20.458
	40 a 44 anos	29.169	27.649	47.045	27.732	63.851	25.488
	50 a 54 anos	17.101	18.715	28.520	20.717	47.021	24.553
	60 a 64 anos	11.266	12.772	18.111	13.022	28.880	16.253
	70 a 74 anos	5.808	5.811	10.048	7.683	16.485	8.400
	80 a 84 anos	3.313	2.353	6.468	3.341
	90 a 94 anos	402	213	1.014	521
Noroeste Rio-grandense (RS)	20 a 24 anos	93.179	73.585	108.576	45.480	117.884	34.215
	30 a 34 anos	88.517	63.976	97.601	49.424	104.529	32.191
	40 a 44 anos	64.724	51.151	89.516	49.123	99.537	41.282
	50 a 54 anos	41.019	36.385	61.221	40.850	86.503	42.808
	60 a 64 anos	30.297	27.249	39.881	27.812	59.219	31.546
	70 a 74 anos	17.104	14.499	26.043	16.187	36.869	16.980
	80 a 84 anos	9.717	5.532	16.537	7.404
	90 a 94 anos	1.492	807	2.800	1.349

Fonte: IBGE, Cidades: Censo 1991, 2000 e 2010. Organizado pelo autor.

Ao analisarmos os dados da tabela 6 (população residente por sexo e situação dos domicílios das mesorregiões) nos deparamos com a mesma configuração daquela realidade mostrada pela tabela 4 (população residente por sexo e situação dos domicílios da microrregião de Frederico Westphalen). A distribuição da população das duas mesorregiões analisadas (Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense) e da microrregião se configuram da mesma maneira, ou seja, no período analisado (1991 a 2010) a população residente urbana feminina foi maior que a masculina, e, a população residente rural masculina foi sempre superior a feminina.

A tabela 7 nos mostra (população residente por ano, grupo de idade e situação do domicílio nas Mesorregiões), desta forma destacamos que na mesorregião Oeste Catarinense os grupos de idade (20-24, 30-34, 40-44, 80-84 e 90-94) possuem um número maior de residentes na área urbana e, somente os grupos de idade (50-54, 60-64 e 70-74) possuem um número maior de residentes na área rural. Os dados da mesorregião Noroeste Rio-Grandense se apresentam de forma igual onde em todos os grupos de idade o número de residentes é maior nas áreas urbanas.

Outro fator de grande importância que contribui para esse esvaziamento é a falta de escolas no meio rural, as cidades da microrregião possuem basicamente no interior escolas de nível fundamental, as escolas de nível médio ficam na cidade, então, para ter acesso ao estudo os jovens começam aí a transição (mesmo que lenta e invisível) do rural para o urbano em busca da conclusão do estudo. De acordo com os dados disponíveis no site QEdu (Qualidade da Educação) somente a cidade de Frederico Westphalen possui escola com ensino médio no meio rural.

Podemos destacar também a busca dos jovens pelo urbano para ter acesso a outras demandas (PARIS et al., 2017) como cultura e lazer, essa busca é devida muitas vezes a situação financeira precária de sua família, a infraestrutura (ou a falta) das propriedades rurais, localização e principalmente a falta da participação nas decisões e o trabalho não remunerado.

Muitos dos agentes causadores do êxodo rural não deixam suas propriedades e partem na busca apenas de trabalho, os mais velhos por exemplo após sua aposentadoria buscam residência na cidade para desfrutar de uma vida mais calma, perto de amigos ou familiares. Os agricultores idosos não possuem mais força para trabalhar no campo e buscam na cidade um meio de acesso mais fácil à saúde, lazer e segurança (PARIS et al., 2017).

Em 2012 o Jornal Nacional exibiu uma série de reportagem denominadas “JN no Ar”, uma destas matérias exibida em 02 de novembro de 2012 tratava sobre as cidades do sul do

Brasil que estão perdendo moradores por conta da migração. A reportagem foi realizada em algumas cidades pertencentes à microrregião de Frederico Westphalen. Segue abaixo alguns trechos da reportagem:

Repórter Rodrigo Alvarez: nos últimos 20 anos segundo o IBGE quase 50 mil jovens e adultos decidiram sair da região de Frederico Westphalen no noroeste do Rio Grande do Sul.

Repórter Rodrigo Alvarez: o que acontece com frequência é que os jovens estudam, fazem universidade e acabam deixando a propriedade dos pais para tentar a vida na cidade grande, só que a cidade grande aqui da região Frederico Westphalen tem só 27 mil moradores e poucos atrativos e aí eles decidem migrar para outras regiões do Brasil.

Repórter Rodrigo Alvarez: entre 2005 e 2010 a região de Frederico Westphalen viu quase 10 mil moradores partirem as cidades que mais perderam com a migração foi Nonoai e a um dia riquíssima Ametista do Sul.

A Agencia da Hora (agencia experimental de notícias da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM *campus* Frederico Westphalen) em 11 de novembro 2015 divulgou a reportagem: Êxodo Rural: A migração do jovem do campo para a cidade onde destacam vários comentários de jovens que deixaram o interior de Frederico Westphalen e foram em busca de novas oportunidades na cidade:

[...]A agricultura familiar é predominante em nosso país, e busca um equilíbrio com as indústrias que a cada ano possui um elevado crescimento, com isso, é necessária a busca da mão de obra, que atrai os jovens do interior, que muitas vezes acabam se decepcionando com a roça, tentando uma nova vida nos grandes centros[...].

[...]Pensando no futuro do filho, a família de Diego Roberto Wollmer, Assistente de Atendimento – Sicredi Celeiro decidiu sair do interior, em busca de oportunidades de estudo para seus filhos, pois residiam longe da cidade e isso interferia a realização de sua graduação em Ciências Contábeis. Existem algumas políticas públicas que tenho conhecimento e, visam a incentivar o jovem a permanecer no interior, mas dificilmente eles acabam vislumbrando uma oportunidade de crescimento na cidade, com isso abandonam o interior, na maioria das vezes deixando os pais, ressalta Daniel.

Reportagens como estas estão cada vez mais frequentes, pois este é um fenômeno que vem ocorrendo várias partes do país. Este processo não está apenas restrito as migrações do meio rural para o meio urbano na mesma cidade, mas também do rural para outras cidades e a

migração da população urbana para centros urbanos maiores tendo como um dos principais agentes deste processo migratório a juventude rural.

É importante destacar que mesmo com as agroindústrias familiares instaladas nos municípios (quadro 2) e com as políticas públicas existentes (abordaremos no capítulo seguinte), políticas estas que buscam incentivar o jovem a permanecer no campo, a população jovem ainda busca emprego urbano nas agroindústrias no Oeste de Santa Catarina e no Noroeste do Rio Grande do Sul.

Como mencionado anteriormente o estudo aparece também como forma de escape⁶ para os jovens do campo, que enxergam ali a possibilidade de uma mudança em suas vidas. As mesorregiões Oeste Catarinense e Noroeste Rio-Grandense contam com várias Universidade Públicas, Privadas e Institutos Federais (ex.: Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Uri).

Ao falarmos do estudo não podemos deixar de mencionar um fator muito importante na formação acadêmica dos universitários, que é o direcionamento ou não desses acadêmicos para retornarem ao meio rural. Alguns cursos técnicos tem por objetivo promover esse retorno do jovem ao meio rural a exemplo do Instituto Federal Farroupilha – IFFAR, aqui especificamente falando do *campus* Frederico Westphalen, que possui ensino médio com formação profissional técnica em agropecuária buscando capacitar os jovens e incentiva-los a permanecer no campo.

Outro destaque é a Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen que trabalha com a pedagogia da alternância onde esses jovens ficam uma semana na instituição e duas semanas em casa aplicando os conhecimentos adquiridos, o objetivo da instituição é dar especialização e incentivar a permanência dos jovens no campo promovendo assim a junto a juventude rural a tão falada sucessão familiar.

⁶Ato de fugir, deslocar-se para longe

4 JUVENTUDE E ESVAZIAMENTO POPULACIONAL DA AREA RURAL

Ao ler artigos sobre êxodo rural e a não sucessão familiar nos deparamos várias vezes com a temática da Juventude Rural, esse é um termo frequentemente usado pelos autores para descrever ou agrupar jovens de uma determinada faixa etária. Não existe um consenso sobre a faixa etária da juventude rural, alguns programas governamentais utilizam o grupo de idade entre 18 a 29 anos e outros utilizam a faixa etária de 16 a 28 anos (ProJovem 15-24 anos, PRONAF Jovem 16-29 anos, Nossa Primeira Terra – NPT 18-28anos/16-18 anos se emancipados), desta forma para a nossa pesquisa e a elaboração de gráficos e tabelas utilizaremos o grupo de idade de 16 a 29 anos de idade utilizado pelo PRONAF.

O documentário *Celibato no Campo* (2013) mostra as difíceis condições de trabalho dos agricultores rurais, o esvaziamento do campo e o envelhecimento da população rural devido a migração dos jovens do campo para a cidade destacando como um dos motivos para a migração dos jovens a falta de participação nas decisões e nos lucros da propriedade, as poucas ofertas de lazer somadas aos intensos dias de trabalho (segunda-feira a domingo) sem folga, acabam por desestimular os jovens a permanecerem no campo.

A migração dos jovens para centros urbanos maiores não é um fenômeno recente, esse processo já ocorria no passado mesmo com as possibilidades de migração reduzidas, os autores Dorigon e Renk (2014), destacam que em tempos passados a migração dos jovens se dava para dois destinos apenas, seminários religiosos e exército. Já nas migrações atuais os jovens deslocam-se em busca de novas formas de emprego e renda buscando uma garantia de estabilidade financeira, além é claro para estudo.

Pode-se destacar o desespero dos pais em busca da permanência dos filhos no meio rural, e também revelar um impasse entre muitos jovens: sair do campo e tornar-se um assalariado externo ou permanecer no campo e se tornar um dependente assalariado, Agricultor MS, 2014 apud Dorigon e Renk (2014, p.25) destaca “A que ponto nós chegamos, de pagar aos filhos para ficar na roça. E de onde o pai vai tirar o dinheiro para pagar, se a safra é uma vez por ano? E acha que o filho vai se contentar com uns trocadinhos? ”.

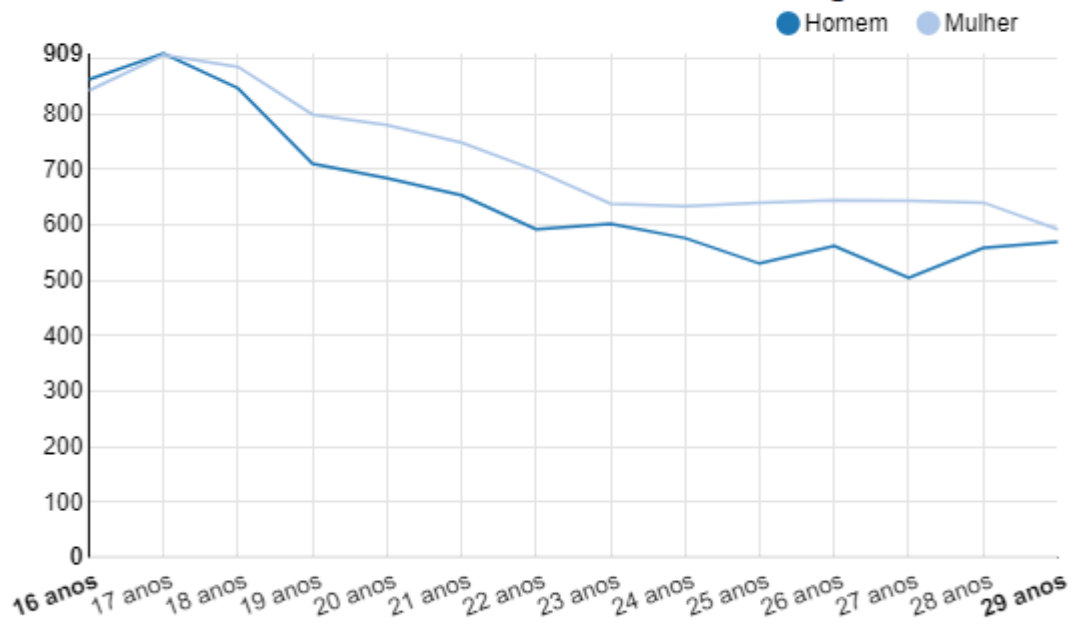
Esta prática vem se tornando muito comum entre os agricultores e agricultoras chefes de família, a remuneração dos filhos na tentativa de prover algum tipo de autonomia financeira

para eles em busca da esperança da permanência nos mesmos na propriedade rural os auxiliando com o trabalho no campo.

Esta atividade de remuneração dos filhos e filhas fica evidente quando analisamos a produção leiteira nas pequenas propriedades rurais, enquanto a produção leiteira é pequena e gera poucos lucros ela passa a ser uma atividade basicamente feminina e com os lucros obtidos as mulheres compravam itens para a casa, materiais para a confecção de roupas e outros utensílios de uso doméstico e pessoal (Dorigon; Renk, 2011 apud Dorigon; Renk 2014). Porém precisamos destacar um fato curioso e crucial que os autores pontuaram em seus estudos sobre o oeste catarinense, que é a inversão desse mecanismo, ou seja, quando a produção leiteira fica mais volumosa e passa a gerar mais lucro esta atividade deixa de ser feminina passando ao domínio masculino (Magalhães, 2009 apud Dorigon e Renk 2014). Desta maneira a pouca remuneração que era destinada as filhas ou esposa (como forma de salário para incentivar sua permanência no meio rural no caso das filhas) passa agora ao domínio dos homens.

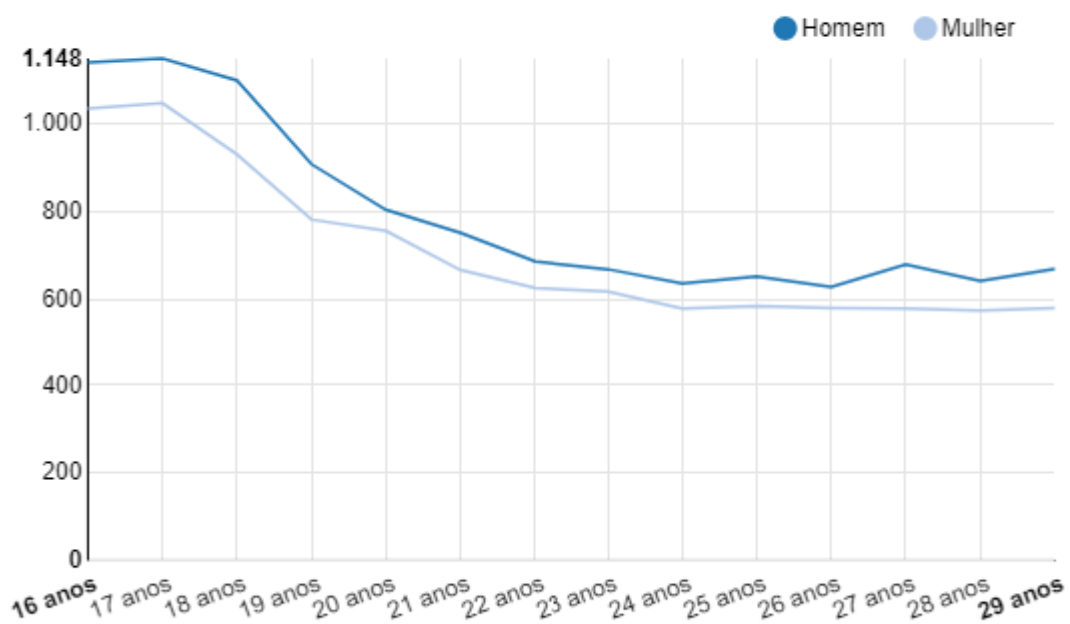
Desta forma como ainda destacado pelos autores, as filhas estão deixando o meio rural em proporção maior que as dos filhos. Este fato torna-se mais evidente a partir da observação dos gráficos a seguir que nos mostram o número de jovens da faixa etária de 16 a 29 anos de idade com separação da condição do domicílio (urbano/rural) e de sexo (homem/mulher) nos anos de 2000 e 2010 residentes na microrregião de Frederico Westphalen:

Gráfico 1: População Residente por sexo e idade, Ano 2000, domicílios urbanos na microrregião de FW



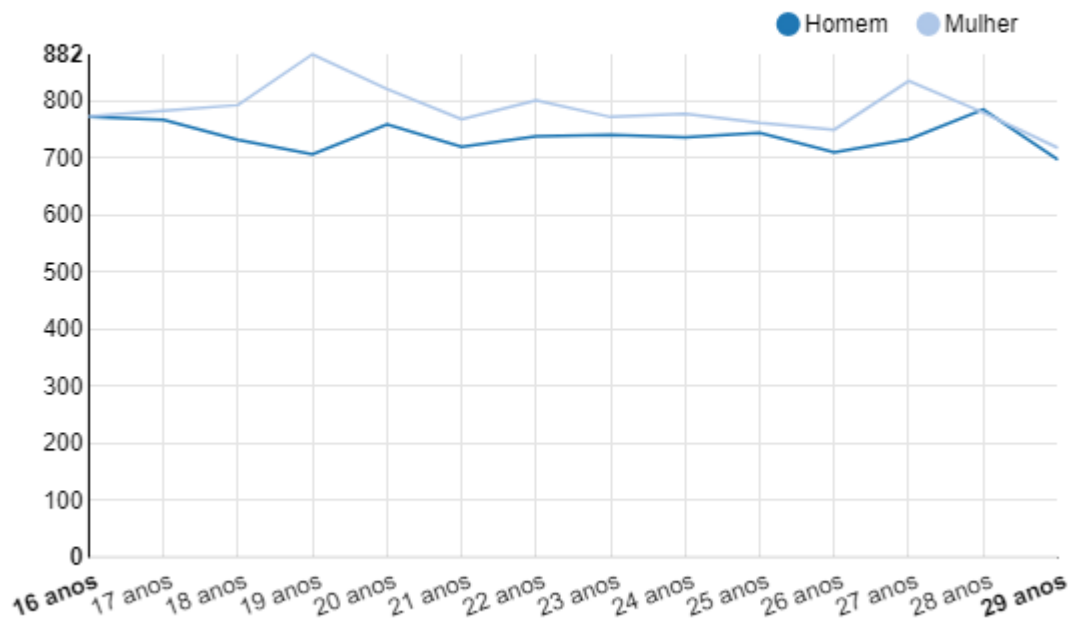
Fonte: IBGE, Cidades. Censo

Gráfico 2: População Residente por sexo e idade, Ano 2000, domicílios rurais na microrregião de FW



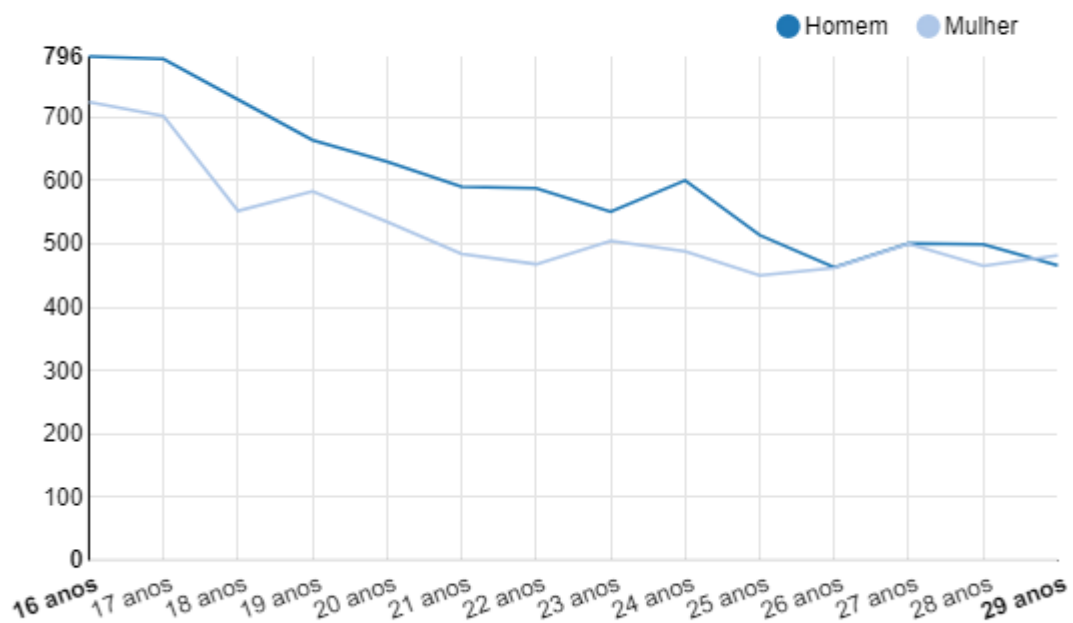
Fonte: IBGE, Cidades. Censo

**Gráfico 3: População Residente por sexo e idade,
Ano 2010, domicílios urbanos na microrregião de FW**



Fonte: IBGE, Cidades. Censo

**Gráfico 4: População Residente por sexo e idade,
Ano 2010, domicílios rurais na microrregião de FW**



Fonte: IBGE, Cidades. Censo

Com base na análise dos gráficos 1, 2, 3 e 4 podemos notar uma configuração já esperada tanto no nível urbano quanto no nível rural. Nos gráficos que compreendem o censo de 2000 do IBGE, podemos perceber que a predominância nas faixas etárias na população urbana é de mulheres (gráfico 1) e na população rural a predominância nas faixas etárias é masculina (gráfico 2). Já, nos gráficos que compreendem o censo do IBGE de 2010, podemos perceber a mesma ocorrência no meio urbano com predominância feminina nas faixas etárias (gráfico 3), e, no gráfico 4 podemos analisar que a predominância masculina se dá até a faixa etária de 26 anos e nas faixas etárias seguintes de 27, 28 e 29 anos, anos predominância da população feminina é maior que a masculina.

Ao analisarmos os dados da população total em percentagem (%) por (soma de todas as faixas etárias) por situação do domicílio e sexo, constatamos o que já era esperado, o censo de 2000 nos revela que a população urbana está dividida da seguinte forma: 21,74% de homens e 23,28% de mulheres e a população rural está dividida em: 28,10% de homens e 26,07% de mulheres. No censo de 2010 a população urbana está dividida em: 25,32% de homens e 27,37% de mulheres, e a população rural está dividida em: 23,99% de homens e 22,16% de mulheres. Em ambos os censos a população total feminina das faixas etárias analisadas está em um número significativamente maior no meio urbano e a população total masculina das faixas etárias analisadas está no meio rural, enfatizando assim a questão abordada anteriormente sobre uma possível masculinização da população rural.

Dorigon e Renk (2014) destacam que muitos jovens que saíram do interior para trabalhar ou estudar na cidade, em cidades da região ou até mesmo em outro estado e que estariam realizando o processo de voltar para a propriedade dos pais no meio rural onde desenvolveriam principalmente atividades ligadas ao processamento de alimentos nas agroindústrias familiares. Nas palavras dos autores Dorigon e Renk (2014, p.43-44):

[...] os jovens que estão à frente das agroindústrias familiares rurais são, basicamente: os que foram para grandes capitais trabalhar em restaurantes e churrascarias; os que foram trabalhar na serra gaúcha na viticultura, olericultura e tiveram contato com um meio rural muito mais diversificado do que o de sua origem; jovens que participam de movimentos sociais, sindical ou ONGs, ou os que saíram para estudar e retornaram posteriormente para investir em agroindústrias familiares rurais.

Em trabalhos de campo de observação realizados nos municípios de Ametista do Sul e Alpestre, pude constatar esta teoria abordada por Dorigon e Renk (2014), onde nas propriedades

rurais visitadas que possuíam agroindústria familiar as mesmas foram criadas e seguem sendo operadas pelos filhos que realizaram o processo de regresso ao meio rural. Porém, devemos ressaltar que com base nos dados analisados nesta pesquisa esse processo de regresso ao rural não é realizado por todos que saíram do campo.

Esse regresso para a propriedade dos pais no meio rural ou mesmo a permanência ali sem o desejo de partir faz com que os jovens deem sequência à sucessão familiar. E, para que exista a sucessão familiar no meio rural é necessário que se faça presente a família, logo, faz-se necessário a presença da mulher para a concretização dessa premissa (ZÓTIS, 2011).

Ao analisarmos o trabalho no campo na sua maioria braçal e com a exigência de muito esforço físico, podemos destacar o quanto é difícil a vida/trabalho das mulheres rurais que acompanham seus parceiros na jornada de trabalho cotidiana. As mulheres além de auxiliar seus maridos nos trabalhos que exigem esforço físico possuem também os serviços doméstico da casa para realizar, além do cuidado para com os filhos.

Ao realizar um trabalho de campo de observação na cidade de Planalto – RS, constatou-se que as mães agricultoras não desejam aquele meio em que vivem (zona rural) para o futuro de suas filhas, e as aconselham a buscar um futuro diferente na cidade, seja por meio de estudo ou apenas em busca de um trabalho assalariado que seja menos intenso que o trabalho cotidiano rural. E, no mesmo campo observatório constatou-se que os pais agricultores demonstram o desejo da permanência dos filhos homens na propriedade para dar sucessão as atividades já ali desenvolvidas, ou, destacam o desejo da saída dos filhos para a cidade em busca de estudo (conhecimento) para aplicar na propriedade no futuro.

O estudo tem se mostrado como possibilidade de uma nova forma de vida e de configuração familiar, sendo o incentivo para muitos jovens (maioria mulheres) abandonarem o campo migrando para a cidade. Essa migração por parte das mulheres contribui para a masculinização da população rural, Stropasolas (2010, p.155) aponta que:

Há diferenças entre jovens na valorização da educação: as moças investem mais em educação do que os rapazes, sobretudo para se prepararem para conseguir um emprego, uma profissão na cidade. Para a moça, dar continuidade aos estudos, fazer um curso superior significa ter uma profissão, ou seja, ter reconhecimento profissional, condição que se coloca como necessária para que se alcance o reconhecimento social. No caso do rapaz, o reconhecimento social não passa, necessariamente, pelo reconhecimento profissional. Na pior das hipóteses, isto é, mesmo que possua um baixo grau de escolaridade, ele será identificado e reconhecido como agricultor, o mesmo não acontecerá com a moça, que conquistará a condição de agricultora caso venha a se casar com um agricultor.

Em outro trecho da reportagem Êxodo Rural: A migração do jovem do campo para a cidade realizada pela Agencia da Hora em 11 de novembro 2015 destacamos aqui o comentário de uma dessas acadêmicas que abandonou o interior em busca de estudo e melhores condições:

Hoje, residindo em Frederico Westphalen, Tais da Costa, acadêmica do curso de Direito – URI trabalha na cidade, enquanto seus pais residem no interior, trabalhando na propriedade. Os jovens saem do interior do município, concluem o Ensino Médio, procuram liberdade e autonomia nos grandes centros, grande parte para estudar. Assim como eu, trabalho e estudo. Ressalta Tais.

De acordo com os dados do Censo da Educação Superior divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP e expostos na tabela 8 a podemos destacar a busca pelo ensino superior com maior demanda pelo público feminino tanto em nível nacional (Brasil) como nível estadual (Rio Grande do Sul).

Tabela 08 – Matrículas em Cursos Superiores de Graduação Presenciais, por Organização Acadêmica e Sexo, segundo a Unidade de Federação e Categoria Administrativa das IES (privada e pública: federal, estadual e municipal) no período de 2010 a 2017

Ano	MATRICULAS EM CURSO DE GRADUAÇÃO PRESENCIAL					
	BRASIL			RIO GRANDE DO SUL		
	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino
2010	5.449.120	2.432.816	3.016.304	353.592	157.486	196.106
2011	5.746.762	2.572.656	3.174.106	369.983	166.058	203.925
2012	5.923.838	2.637.423	3.286.415	369.573	165.942	203.631
2013	6.152.405	2.736.167	3.416.238	378.050	170.017	208.033
2014	6.486.171	2.874.496	3.611.675	389.784	174.750	215.034
2015	6.633.545	2.946.174	3.687.371	395.851	178.427	217.424
2016	6.554.283	2.913.020	3.641.263	391.468	176.459	215.009
2017	6.529.681	2.910.918	3.618.763	382.556	172.636	209.920

Fonte: MEC/INEP/DEED. Organizado pelo autor.

Essa busca mais expressiva pelo ensino superior por parte do público feminino enfatiza a temática abordada anteriormente onde destacamos a necessidade das mulheres em possuir uma formação profissional e uma carreira, essa busca na maioria das vezes leva ao deslocamento dessas mulheres do campo para residir na cidade ou até mesmo na mudança para

outras cidades da região. O deslocamento das jovens mulheres para os meios urbanos além de contribuir com o êxodo rural principalmente dos jovens, também contribui para a masculinização do meio rural tendências estas já esperadas para serem confirmada no decorrer da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto para este trabalho é a análise da juventude do espaço rural e o esvaziamento populacional (migração e êxodo rural) da microrregião de Frederico Westphalen, buscando descobrir em qual meio (urbano ou rural) ocorre esse processo de esvaziamento com maior intensidade e descrevendo quais processos estão ligados a este movimento de esvaziamento populacional da microrregião.

Por hora os objetivos propostos foram alcançados, ou seja, entre as décadas de 1991 e 2010 a microrregião sofreu com um forte esvaziamento populacional, sendo o setor mais afetado por esse esvaziamento foi o meio rural que perdeu 55.825 habitantes. O meio urbano por sua vez teve um aumento populacional de 30.625 habitantes, ou seja, a microrregião na sua totalidade perdeu 25.200 habitantes. A da década de 1990 foi o período em que foi registrado a maior perda populacional. As perdas populacionais não se restringem apenas ao meio rural caracterizando assim o êxodo rural, mas também na microrregião como um todo promovendo o seu esvaziamento populacional.

Diante dos dados apresentados, verifica-se o esvaziamento populacional da microrregião de Frederico Westphalen além do expressivo êxodo rural ali existente. As reportagens anexadas sobre a microrregião juntamente com os dados do INEP e o referencial teórico nos apontam alguns motivos desse esvaziamento populacional da microrregião, sendo eles a busca dos jovens por lazer, entretenimento, oportunidade de emprego, estudos e liberdade/estabilidade financeira. Podemos destacar o estudo como um agente de migração.

Os jovens buscam novas profissões com jornadas de trabalho menores do que as jornadas de trabalho na propriedade dos pais. Essa migração não ocorre necessariamente somente entre os jovens mas atinge também famílias que deixam sua propriedade rural para morar na cidade ou em outra região, partindo em busca de uma garantia de vida melhor para sua família. Em concordância com os dados do IBGE podemos destacar uma possível e discreta masculinização da população rural pois população masculina é maior no meio rural e a população feminina é maior no meio urbano e nas universidades.

Ao apontarmos o destaque e liderança de duas cidades da microrregião no abate de suínos, podemos concluir que esse setor absorve uma parcela da mão de obra que sai do interior em busca de trabalho na cidade. As indústrias existentes na microrregião também podem ser

citadas como fontes absorvedoras de mão de obra, porém, não são suficientes para a permanência da população da região uma vez que a procura por trabalho é maior que a oferta.

REFERENCIAS

ARNS, C. E.; PIOVEZANA, L. Desenvolvimentos econômico na microrregião de Frederico Westphalen (RS). **Revista Grifos**, Chapecó, v.17, n.24, p.61-74, 2008. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/244/107>>. Acesso em: 01 maio 2018.

DAHMER, Naor Lauter. Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen/RS promove dia de campo. **Jornal Direto ao Ponto**. 14 set. 2018. Disponível em: <<http://www.jornaldiretoao ponto.com.br/noticia/5981/escola-de-ensino-medio-casa-familiar-rural-de-frederico-westphalen-rs-promove-dia-de-campo.html>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. 9. ed., 3ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2011.

HERMES, C. L. W.; VALENTE, V. **Análise do crescimento populacional do município de Agudo, RS, no período de 1970 a 2000**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 7, n. 1, p. 91-107, 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 1991**. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 11 ago. 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 11 ago. 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 11 ago. 2018.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopses estatísticas da educação superior – Graduação**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

JOVENS saem de casa no noroeste do RS e vão para a cidade grande. **Jornal Nacional**. 02 nov. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/cidade-do-rio-grande-do-sul-perde-moradores-por-cao-da-migracao.html>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

MORCELLI, Gabriel. Êxodo Rural: a migração do jovem do campo para a cidade. **Agência da Hora**. Frederico Westphalen. 11 nov. 2015. Disponível em: <<http://decom.ufsm.br/dahora/2015/11/11/exodo-rural-a-migracao-do-jovem-do-campo-para-a-cidade/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

MUNIZ, Jerônimo Oliveira. **Um ensaio sobre as características da migração**. Avaliação de CDD (Componentes da Dinâmica Demográfica) – Universidade Federal de Minas Gerais. 10 f. Disponível em: <<http://docs.fct.unesp.br/nivaldo/Graduacao/GEOGRAFIA%20DO%20BRASIL/TEXTOS/TEXTO%20%20-%208%20-%20MUNIZ.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PANISSON, Ivete. **Êxodo rural no município de Antônio Prado nas últimas duas décadas: causas, implicações e perspectivas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Geografia) – Universidade Regional do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí. 23 f. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/2425>>. Acesso em: 09 set. 2018.

PARIS, Maria Stela et al. Santo Augusto, entre idas e vindas: análise dos movimentos migratórios ocorridos numa perspectiva histórica. **Revista Grifos**, Chapecó, v.26, n.43, p.218-253, 2017. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/4037>>. Acesso em: 25 abr. 2018

QEDU – Qualidade da Educação. **Lista completa das escolas, cidades e estados**. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

RANKING gaúcho: RS abate 9.025.071 suínos em 2017. **Região dos Vales**. 05 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.regiaodosvales.com.br/ranking-gaicho-rs-abate-9-025-071-suinos-em-2017/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

RENK, Arlene; DORIGON, Clovis. Trabalho, juventude rural e mudança social. In: RENK, Arlene; DORIGON, Clovis (Orgs.). **Juventude rural, cultura e mudança social**. Chapecó: Argos, 2014. p. 15-34.

RENK, Arlene; DORIGON, Clovis. Juventude rural e reconversão produtiva rumo a produtos de qualidade diferenciada. In: RENK, Arlene; DORIGON, Clovis (Orgs.). **Juventude rural, cultura e mudança social**. Chapecó: Argos, 2014. p. 35-76.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5. ed., 2. reimp. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SDR - SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO RURAL, PESCA E COOPERATIVISMO. **Programa Estadual de Agroindústria Familiar (Peaf)**. Disponível em: <<http://www.sdr.rs.gov.br/upload/arquivos/201810/18144111-relacao-de-agroindustrias-inclusas-no-peaf-publicacao-outubro-de-2018.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Alpestre**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Alpestre.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Ametista do Sul**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Ametista_do_Sul.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Caçara**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Caicara.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Cristal do Sul**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Cristal_do_Sul.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Dois Irmãos das Missões**. Disponível em

<http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Dois_Irmaos_das_Missoes.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Engenho Velho**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Engenho_Velho.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Erval Seco**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Erval_Seco.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Frederico Westphalen**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Frederico_Westphalen.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Gramado dos Loureiros**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Gramado_dos_Loureiros.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Irai**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Irai.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Liberato Salzano**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Liberato_Salzano.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Nonoai**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Nonoai.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Novo Tiradentes**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Novo_Tiradentes.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Novo Xingu**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Novo_Xingu.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Palmitinho**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Palmitinho.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Pinheirinho do Vale**. Disponível em

<http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Pinheirinho_do_Vale.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Planalto**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Planalto.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Rodeio Bonito**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Rodeio_Bonito.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Rondinha**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Rondinha.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Seberi**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Seberi.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Taquaruçu do Sul**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Taquarucu_do_Sul.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Três Palmeiras**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Tres_Palmeiras.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Trindade do Sul**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Trindade_do_Sul.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Vicente Dutra**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Vicente_Dutra.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SEBRAE/RS – SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO SUL. **Perfil das Cidades Gaúchas – Vista Alegre**. Disponível em <http://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Vista_Alegre.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SIDRA – SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. **Acervo Microrregião Geográfica Frederico Westphalen (RS)**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Acervo?nivel=9&unidade=43003#/S/Q>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

SIDRA – SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. **Tabela 1552 – População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo a forma de declaração da idade**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1552#resultado>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

SIDRA – SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. **Tabela 202 – População residente, por sexo e situação do domicílio.** Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/202#resultado>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

SIDRA – SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA. **Tabela 200 – População residente, por sexo e situação e grupo de idade.** Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/200#resultado>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. Os dilemas da juventude no processo sucessório da agricultura familiar. In: RENK, Arlene; DORIGON, Clovis (Orgs.). **Juventude rural, cultura e mudança social.** Chapecó: Argos, 2014. p. 139-162.

TELLES, Gustavo. Falta de emprego aprofunda migração populacional na Região Noroeste do RS. **Agência de Notícias ALRS.** 15 jun. 2004. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/78141/language/pt-BR/Default.aspx>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

ZÒTIS, Tássia Scariot. **Causas e consequências da evasão de jovens da comunidade de São Vitor, município de Camargo/RS.** 2011. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de ciências econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural, Camargo, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54666/000855387.pdf?sequence>>. Acesso em: 24 out. 2018.

ANEXOS (REPORTAGENS)

JOVENS SAEM DE CASA NO NOROESTE DO RS E VÃO PARA A CIDADE GRANDE

Edição do dia 02/11/2012 21h49 - Atualizado em 05/11/2012 16h09

No noroeste do Rio Grande do Sul, a equipe do Jornal Nacional encontrou brasileiros saindo de suas casas. São normalmente jovens que deixam as propriedades rurais dos pais para viver na cidade grande.

A equipe do JN no Ar desembarcou nesta sexta (2) no Sul do país pra mostrar as cidades que, segundo o IBGE, estão perdendo moradores por causa da migração.

Ao longo da semana, o Jornal Nacional mostrou cidades brasileiras que têm recebido milhares de pessoas, que decidem deixar suas cidades, suas casas e percorrem às vezes longas distâncias procurando um lugar melhor para viver. Normalmente esse lugar é onde existe oportunidade de trabalho.

No noroeste do Rio Grande do Sul, a equipe do Jornal Nacional também encontrou esses brasileiros. Só que esses brasileiros saem de suas casas. São normalmente jovens que deixam as propriedades rurais dos pais para viver na cidade grande.

Uma terra fértil, que no passado atraiu italianos e alemães, virou um sonho no Sul do Brasil. Mas, salvo exceções, ficou parada no tempo.

“A palavra agronegócio aqui não faz sentido?”, perguntou o repórter.

“Não. Aqui nós temos pequenos produtores, aqui nós temos agricultura familiar”, disse Vera Cancian, técnica da Emater.

Sem modernização, as famílias produtoras perderam mercado e já não sabem o que fazer pra não perder os filhos.

Em uma região do Rio Grande do Sul, quando a garotada chega à adolescência, a questão é só uma: ficar ou não ficar?

“Eu, pra mim, eles tem que ficar. Eu botei eles pra estudar pra isso, pra aprender lá fora, mas pra praticar aqui dentro”, revelou Angelim Vizzotto, agricultor.

Será que Mateus e Lucas atendem ao pedido do pai ou engordam a estatística?

Nos últimos 20 anos, segundo o IBGE, quase 50 mil jovens e adultos decidiram sair da região de Frederico Westphalen. Mateus e Lucas pensaram, e decidiram ficar.

“No meu ver, o meu lugar é aqui”, contou Lucas Vizzotto, técnico agrícola.

Uma casa amarela e outra, que nem terminou de ser construída, foram feitas por um proprietário de terra da região pensando nos dois filhos adolescentes. Mas, nenhum deles mora lá. Faz cinco anos que eles foram viver na cidade.

A pequena plantação de milho foram os vizinhos que fizeram para aproveitar o terreno vazio. Assim, plantações abandonadas vão pouco a pouco voltando a ser floresta. Se Roque cuida sozinho do pomar é porque os três filhos foram trabalhar na cidade.

“Chegava o final do ano, tirava pra comprar o que? Um par de calças, um tênis e mais nada, não sobrava pra nada”, lembrou Rogério Coutinho, funcionário público.

O que acontece com frequência é que os jovens estudam, fazem universidade e acabam deixando a casa dos pais pra tentar a vida na cidade grande. Só que a cidade grande da região, Frederico Westphalen, tem só 27 mil moradores e poucos atrativos. Aí, eles decidem migrar para outras regiões do Brasil.

Entre 2005 e 2010, a região de Frederico Westphalen viu quase dez mil moradores partirem. As cidades que mais perderam com a migração foram Nonoai. E a, um dia riquíssima, Ametista do Sul.

Edemar viu uma porção de amigos de mudança pra Mato Grosso.

“Só aqui da minha comunidade teve umas 10, 12 famílias que saíram daqui”, afirmou Edemar Mezzaroba, viticultor.

Os irmãos de Ari foram todos embora.

“O único da família que está aqui na propriedade do meu pai sou eu mesmo”, contou Ari Poltronieri, produtor rural.

Ari e Edemar também já pensaram em sair. Mesmo com uma produção de 300 toneladas por mês, não tem pedra brilhante que segure o povo de Ametista do Sul.

A mina continua ativa, mas os preços da ametista caíram muito e muita gente acabou deixando a cidade em busca de oportunidades. Os que tinham raízes profundas foram obrigados a procurar alternativas pra ganhar dinheiro.

“Estamos fabricando vinho e envelhecendo dentro das galerias subterrâneas, antigas minas que hoje estão desativadas”, afirmou Silvio Poncio, empresário.

Se os sonhos do empresário derem certo, vinho e turismo vão trazer os moradores de volta. Por enquanto, por via das dúvidas, até a igreja foi decorada com ametistas.

Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/cidade-do-rio-grande-do-sul-perde-moradores-por-cao-da-migracao.html>

ÊXODO RURAL: A MIGRAÇÃO DO JOVEM DO CAMPO PARA A CIDADE

Agência da Hora, – 11 de novembro de 2015 (por Gabriel Morcelli)

Nos dias atuais, observasse que muitos jovens, possuem a ideia de que o campo é lugar ultrapassado, que acabam abandonando a vida no campo para buscar melhores condições de vida na cidade, isso se chama êxodo rural. Esse fenômeno que atingiu o Brasil na segunda metade do século XX, em que a população, no entanto, do interior do país não possuía acesso a recursos básicos, como a saúde e a educação. Forçando a migração para grandes centros para satisfazer o que faltava.

A agricultura familiar é predominante em nosso país, e busca um equilíbrio com as indústrias que a cada ano possui um elevado crescimento, com isso, é necessária a busca da mão de obra, que atrai os jovens do interior, que muitas vezes acabam se decepcionando com a roça, tentando uma nova vida nos grandes centros. Os filhos dos agricultores, não estão vendo formas de permanecer na lavoura, pois dependem muito das condições climáticas para ocorrer do desenvolvimento das plantações, ou não possuem os conhecimentos básicos para desenvolver as atividades. Para o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frederico Westphalen, Célio de Pelegrin, Agricultor, os jovens estão embalados pelo modismo, preferindo viver na cidade.

Grande maioria das oportunidades de empregos é ofertada nas indústrias, encantando os jovens, porém, acabam se deparando com uma rotina completamente diferente da que vivenciava quando residia no interior. Por exemplo, ter uma carga horária de trabalho longe e exaustiva, além de um salário relativamente baixo, para muitos, o salário chegar ser muito baixo, obrigando os operários a trabalhar em outros locais, para poder ter uma vida confortável.

Pensando no futuro do filho, a família de Diego Roberto Wollmer, Assistente de Atendimento – Sicredi Celeiro decidiu sair do interior, em busca de oportunidades de estudo para seus filhos, pois residiam longe da cidade e isso interferia a realização de sua graduação em Ciências Contábeis. Existem algumas políticas públicas que tenho conhecimento e, visam a incentivar o jovem a permanecer no interior, mas dificilmente eles acabam vislumbrando uma oportunidade de crescimento na cidade, com isso abandonam o interior, na maioria das vezes deixando os pais, ressalta Daniel.

Conforme o Censo IBGE de 2010, a população urbana do Brasil era de 160.925.792 hab. – muito maior que a população que vive na zona rural, conforme o Censo, 29.830.007 hab. Visando um futuro próspero, o agricultor Juliano Bernardi, 22 anos, conta que deixou a casa dos pais no município de Miraguaí, noroeste do estado do Rio Grande do Sul, dispor-se uma vida melhor na cidade de Dois Irmãos, Vale dos Sinos. Apenas com o Ensino Médio, foi buscar a independência financeira. Residindo alguns meses, voltou para a casa dos pais. “Por que na cidade, se depender de pagar aluguel e luz, não sobra nada”. Ressalta Juliano, afirmando que no interior há grandes possibilidades de ter crescimento nas atividades e qualidade de vida, sem a necessidade de deixar a família.

O futuro promissor está no campo, cada vez mais buscar utilizar a tecnologia a seu favor, sendo assim, permitindo melhores condições de trabalho, além de aumentar as expectativas para quem trabalha. O agronegócio elevou a produção de alimentos no interior do país, é um dos principais setores que cresce Brasil, o setor primário, quase tudo vem da agricultura. O Engenheiro Agrônomo, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frederico Westphalen, Lucas Tatto, comenta o êxodo rural vivido pelos jovens – “A agricultura não dá tanto status para a pessoa. Na cidade, parece ser tudo mais fácil e o serviço mais leve”.

Hoje, residindo em Frederico Westphalen, Tais da Costa, acadêmica do curso de Direito – URI trabalha na cidade, enquanto seus pais residem no interior, trabalho na propriedade. Os jovens saem do interior do município, concluem o Ensino Médio, procuram liberdade e autonomia nos grandes centros, grande parte para estudar. Assim como eu, trabalho e estudo. Ressalta Tais.

O agronegócio e a agricultura vivem o crescente êxodo rural, acreditando que a agricultura não oferece status. Outro problema apontado que inviabiliza a produção na propriedade são as leis, que impedem algumas atividades do agricultor. Além de safra, que depende das condições climáticas e com isso não é garantindo a renda todo o mês; Lucas Tatto, Engenheiro Agrônomo, comenta a agricultura familiar no município de Frederico Westphalen, – “Aqui a agricultura familiar gera um grande sustento na questão de alimentos como o leite, carne e verduras. O município é proveniente do agronegócio”. Sendo alguns desses fatores que entristecem os trabalhadores e despertando o interesse de migrar para grandes centros.

Grande parte dos jovens manifesta o interesse seguir com a atividade no campo. O Presidente Célio Pelegrin, aborda dados de uma pesquisa, que os índices de jovens que permanecem no meio rural são alunos que estudaram o curso técnico agrícola, tem dado bons

resultados. Mas a grande maioria dos jovens não está permanecendo no meio rural, estão buscando outros meios na área urbana.

Disponível em: <http://decom.ufsm.br/dahora/2015/11/11/exodo-rural-a-migracao-do-jovem-do-campo-para-a-cidade/>

FALTA DE EMPREGO APROFUNDA MIGRAÇÃO POPULACIONAL NA REGIÃO NOROESTE DO RS

Agência de Notícias ALRS, 15 jun. 2004, por Gustavo Telles

A falta de emprego na Região Noroeste, que possui uma economia basicamente agrícola, está fazendo com que as populações abandonem a região, tornando seu déficit populacional mais agudo e efetivo no Estado. Entre as 201 cidades desta região, 144 tiveram déficit de habitantes, o equivalente a 70%. Até o ano 2000, dos 467 municípios gaúchos, 195 apresentaram perda populacional.

Três Passos, Sananduva, Soledade, Santo Ângelo, Cerro Largo e Frederico Westphalen são as que mais sofrem com a migração, na região Noroeste. Essas informações foram divulgadas na manhã de hoje (15), pelo professor Telmo Pires Mota, na audiência pública da Comissão de Assuntos Municipais, que discutiu a redistribuição territorial da população no Rio Grande do Sul.

As áreas Metropolitana e Nordeste (especialmente devido a Caxias), que possuem o maior desenvolvimento econômico industrial do Estado, também são as que mais crescem populacionalmente. Canela e Gramado, juntamente com o Litoral Norte apresentam, igualmente, um aumento expressivo de população.

O professor Telmo Mota ressaltou ainda que, durante as décadas de 60 e 70, a população da Região Metropolitana cresceu cerca de 70%. Embora hoje não se tenha uma dinâmica tão acelerada, "a área metropolitana continua sendo relevante na organização da estrutura urbana do estado", concluiu.

Parecer contrário a Comissão de Assuntos Municipais, aprovou o parecer contrário do deputado Sérgio Stasinski (PT) ao veto total do Executivo ao Projeto de Lei 116/2003, do deputado Paulo Brum (PSDB), que visa a adaptação de ônibus para o acesso de portadores de deficiência física ou cidadãos com dificuldade de locomoção. A reunião foi presidida pelo deputado Abílio dos Santos (PTB).

Também participaram da audiência pública os deputados Gerson Burmann (PDT), Ronaldo Zülke (PT), Adolfo Brito (PP), Sérgio Peres (PL), Sérgio Stasinski (PT), José Farret (PP), Osmar Severo (PDT) e Paulo Brum (PSDB).

Disponível

em:

<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/78141/language/pt-BR/Default.aspx>

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO CASA FAMILIAR RURAL DE FREDERICO WESTPHALEN/RS PROMOVE DIA DE CAMPO

Jornal Direto ao Ponto 14 de setembro de 2018 (por Naor Lauter Dahmer)

A Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen promoveu durante a tarde desta quarta-feira, 12, oficinas técnicas pedagógicas para alunos de escolas de toda região. Buscando apresentar a instituição e os trabalhos desenvolvidos, o dia contou com oficinas sobre experimentos de forrageiras, técnica sobre hortas, apresentação da estrutura da escola, além do Projeto profissional Vida do Jovem.

A Casa Familiar atua junto ao Pólo da URI, na Vila Faguense, desde 2002 e possui modelo de formação em alternância, no qual os alunos ficam na instituição uma semana e duas semanas aplicando as teorias na prática em suas propriedades. A implantação da instituição se deu a partir da necessidade de especializar e manter os jovens no campo, principalmente pela realidade da região que grande parte da economia provém da agricultura familiar. Em 1998 foi criada a Associação Casa Familiar Rural Santo Isidoro que fundou a Escola, atendendo desde então jovens de todos os municípios que compõem o Conselho Regional de Desenvolvimento Médio Alto Uruguai (Codemau).

Leonardo Cassol, aluno do 3º ano da instituição e morador de Caiçara, estuda na Casa Familiar desde 2016, quando ingressou no 1º ano do ensino médio. Ele destaca que o aprendizado adquirido contribuiu muito para melhorar as atividades agrícolas na propriedade de sua família.

Com uma estrutura ampla de alojamentos, refeitório, área de convivência, salas de aula, além de espaço externo para realização de atividades práticas, a Casa Familiar Rural conta com três turmas contemplando o 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

Capacitando jovens agricultores de toda a região

Além da atuação em todos os municípios da região do Médio Alto Uruguai, a Casa Familiar Rural também recebe alunos de outras cidades, como Três Passos, da região Celeiro. Durante a tarde desta quarta-feira, um grupo com mais de 60 estudantes participaram do Dia de Campo. O secretário da agricultura de Três Passos, Evandro Colombo, falou sobre esta parceria

entre os municípios e a importância da capacitação destes jovens na agricultura e pecuária familiar:

Evandro também destacou que as pastas da agricultura e educação do município contribuem com os jovens que desejam estudar na Escola Familiar Rural de Frederico Westphalen, disponibilizando transporte e incentivando os alunos por meio de atividades que instigam a sucessão familiar no campo.

Inscrições abertas para turmas de 2019

As inscrições para as turmas de 2019 já estão abertas e seguem até dia 18 de dezembro, as formações trabalhadas envolvem além das disciplinas e atividades normais do Ensino Médio, a Qualificação em Agricultura, Sucessão da Propriedade, Desenvolvimento de Liderança e Formação Cidadã. Para se inscrever o interessado deve possuir o Ensino Fundamental completo (9º ano) e ser filho(a) de agricultor.

A coordenadora pedagógica da instituição, Dulcenéia Zonta, destaca sobre as inscrições e também acerca da estrutura física e profissional da Casa Familiar Rural:

As inscrições devem ser realizadas na sede da Escola na Vila Faguense, junto ao Centro Tecnológico da URI, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais dos municípios de abrangência, escritórios regionais da Emater ou, ainda, pelo telefone (55) 9 9642-9845.

Disponível em: <http://www.jornaldiretoaoportunidade.com.br/noticia/5981/escola-de-ensino-medio-casa-familiar-rural-de-frederico-westphalen-rs-promove-dia-de-campo.html>